

## ESTUDOS DE BAIRROS: ENTRE A ARQUITETURA E A HISTÓRIA

Adriana Mara Vaz de Oliveira\*

Elane Ribeiro Peixoto\*\*

**Resumo:** A capital de Goiás chega ao século XXI com aproximadamente 400 bairros. Apesar do louvável esforço de muitos pesquisadores que se dedicaram a explicar e identificar sua brusca transformação, falta à cidade um estudo que revele um outro lado de sua história e privilegie o que é miúdo e cotidiano. Nesse âmbito, a história de seus bairros oferece uma oportunidade promissora. Esta é a proposta do presente trabalho, cujos resultados iniciais se referem ao Jardim Goiás.

**Palavras-chave:** História, Bairro, Jardim Goiás, Goiânia.

**Résumé:** La capitale de l'État de Goiás entre dans le XXI<sup>ème</sup> siècle composée d'environ 400 quartiers. Malgré les efforts de beaucoup de chercheurs, qui se sont appliqués à expliquer et identifier sa brusque transformation, il manque à la ville une étude qui révèle un autre côté de son histoire et privilégie le banal et le quotidien. Dans ce contexte, l'histoire de ses quartiers offre une opportunité unique. C'est la proposition de ce travail dont les résultats initiaux se rapportent au Jardim Goiás.

**Mots-Clés:** Histoire, Quartier, Jardim Goiás, Goiânia.

A história das cidades planejadas quase sempre se resume ao plano inicial, porque ele traduz, ainda que momentaneamente, o significado de circunstâncias que determinaram uma ação programada sobre o espaço. O resultado dessa ação sobressai no desenho urbano incólume à apropriação humana, preservada sua intenção e originalidade. Com a capital de Goiás não foi diferente. Goiânia foi uma importante realização urbanística e brasileira do século XX. Exigiu esforços diligentes em sua concepção e construção, embora muitos duvidassem que nela a vida humana fosse possível, ao vê-la erguida na paisagem áspera do cerrado. Qual não seria, hoje, o espanto de Claude Lévi-Strauss diante da cidade que descreveu em *Tristes Trópicos*?<sup>1</sup>

Certamente, nada poderia ser mais estranho para quem viveu em cidades milenares do que testemunhar o surgimento de uma outra no meio do nada. Todavia, o que o antropólogo francês não pôde ver, talvez por força de seu envolvimento profissional, é



que a capital de Goiás era uma realização original e sincrônica com as teorias urbanísticas europeias. Sem solo sagrado, história e hábitos definidos na duração, é de se compreender que Goiânia, projetada inicialmente pelo arquiteto Atilio Corrêa Lima em 1933, não tenha exercido fascínio, a não ser horror, neste honorável viajante.

Mais de 70 anos já transcorreram e a capital de Goiás sofreu transformações significativas. As primeiras foram as alterações de seu plano original propostas pelo engenheiro Armando Augusto de Godói em 1935. O núcleo histórico da capital goiana tornou-se um oxímoro, um inusitado encontro entre duas correntes urbanísticas distintas: a francesa e a saxônica. Em um mesmo plano urbano, somou-se ao desenho proposto por Atilio Corrêa Lima, inspirado em Versalhes, Karlsruhe e Washington, outro que obedecia aos princípios das cidades-jardim inglesas e de experiências americanas, proposto por Armando Augusto de Godói.

O interesse recente por Goiânia deu origem a estudos e pesquisas acadêmicas, dissertações e teses, muitas das quais já publicadas. Na sua grande maioria, têm como foco o processo de transferência da capital de Goiás para a nova cidade, com ênfase na figura de Pedro Ludovico Teixeira, na política de abertura de novas fronteiras comandada por Vargas e no plano urbanístico da nova capital. Entretanto, por mais importantes que sejam estes estudos, eles não conseguiram ainda extrapolar os limites regionais. Os manuais de história da arquitetura e urbanismo brasileiros dedicam poucas páginas à criação de Goiânia e, muitas vezes, como foi observado por Mello (2006), ainda veiculam informações incorretas, como a distinção apropriada entre o plano proposto por Corrêa Lima e as alterações feitas por Godói, tão importantes quanto os riscos iniciais da cidade e que talvez merecessem o *status* de um novo plano.

A falta de curiosidade pela capital goiana, em um âmbito maior, possivelmente se deva ainda à força do estigma do isolamento, como bem o explicitou Mello (2006) ao referir-se à crença que vigorou até pouco tempo atrás no Rio de Janeiro e São Paulo de que onças passeavam pelas ruas da cidade. A construção de Brasília, sustentada por idéias poderosas de desenvolvimento e modernidade expressas em seus edifícios e traçado, contribuiu para tornar opaca a realização de Goiânia, não só como capital de uma nova fronteira, mas também como limiar entre teorias urbanísticas: seu desenho eclético mereceu desdenho na apreciação dos que estavam convencidos da lógica purista da Carta de Atenas.

Ignorar o significado de Goiânia na história do urbanismo brasileiro do século XX é cada dia mais insustentável. Atualmente, com cerca de 1.500.000 habitantes, esta cidade configura-se como uma importante metrópole e define, juntamente com Brasília, um eixo regional que demanda estudos de várias origens, pois seu potencial e complexidade revelam-se cotidianamente na economia global manifesta nos diversos logotipos que marcam a paisagem urbana das duas capitais.

Para entender a cidade hoje é preciso recuar no tempo até 1947, quando o parcelamento do solo da nova capital obedecia às determinações de seu plano original e era uma atribuição do Estado. A mancha urbana restringia-se a Campinas e ao Setor Central, compreendendo também os Setores Sul, Oeste e Norte (Bairro Popular). Extrapolavam os limites do desenho original as ocupações situadas às margens dos córregos Botafogo e Areião. As primeiras originaram os bairros Vila Nova e Nova Vila a partir da legalização de antigos acampamentos dos operários que construíram a cidade (RIBEIRO, 2004). A ocupação das margens do córrego Areião era conhecida por Macambira, cuja população era marginalizada, tida como violenta. O nome do bairro significava, em expressão popular, o fim do mundo. Gonçalves (2002, p.106) explica que, originalmente, o termo Macambira é o nome de uma “[...] planta da família das bromeliáceas, [...] de folhas duras e espinhosas”, características que se prestavam a reafirmar o estigma do bairro.



Por fim, as ocupações próximas ao córrego Capim Puba constituíam as excentricidades da apropriação prevista no plano da capital de Goiás.

Na década de 1950, o parcelamento do solo passou à iniciativa privada. A partir de então, para novos loteamentos só eram exigidas sua locação e a abertura das vias, o que infringia as restrições inovadoras dos planejadores pioneiros da cidade. O mapeamento realizado por Ribeiro (2004) mostra que, nesse período, a área parcelada da cidade cresceu surpreendentemente, incorporando os Setores Universitário, Bueno e Jardim Guanabara, entre outros. A cada nova década, novos bairros surgiam e se articulavam ao centro histórico, promovendo uma extensão da cidade contrária à concepção de seus desenhos originais. Concomitantemente ao surgimento de novos loteamentos, dois movimentos acompanhavam o ritmo acelerado da cidade: o primeiro diz respeito à substituição do seu casario original por edifícios de apartamento e o progressivo deslocamento da elite moradora do centro para novos bairros. A verticalização iniciada entre 1964 e 1975 ocorreu primeiramente no centro, com edifícios de habitação sem garagem, afinal, os carros eram ainda raros e estacioná-los nas largas avenidas não representava transtorno ou perigo. O comércio ainda permanecia localizado nessa área. Na década de 1960, aconteceu a inauguração do primeiro supermercado da cidade, abalando o sistema de abastecimento que se realizava nos dois mercados municipais – o Mercado Central e o de Campinas –, mercearias, vendas e armazéns.

A verticalização do Setor Oeste ocorreu no fim da década de 1970 e início de 1980. Os edifícios sofisticaram-se e seus programas compreendiam garagens, em subsolo, portarias com piso de mármore e salões de festas. É interessante observar como os nomes dos edifícios do Centro e do Setor Oeste e, posteriormente, dos outros bairros verticalizados modificam a base toponímia: os primeiros arranha-céus eram denominados com o nome de cidades do interior de Goiás, como o edifício Goiandira, ou em homenagem aos personagens históricos, como os edifícios D. João VI, D. Pedro II e Princesa Isabel, todos localizados na Avenida Goiás. À medida que a verticalização atingiu os Setores Oeste, Marista e Bueno, os nomes passaram a ser outros e, diga-se de passagem, bem curiosos: *Place d'Etoile*, *Bueno's Garden*, entre outros.

Na década de 1980, foi construído na região sudeste da cidade o primeiro *Shopping Center*, induzindo o lento desenvolvimento do bairro onde se localizava – o Jardim Goiás, existente desde 1950. Com a inauguração desse centro de compras e a implantação da lei de uso de solo de 1975, de autoria de Jaime Lerner, que resultou na transformação da Avenida Anhanguera em eixo de serviço e corredor de fluxo na direção leste-oeste, teve início a mudança mais radical do Centro de Goiânia, acelerada depois com a transformação da Avenida Goiás em eixo complementar de integração de transporte no sentido norte-sul. Essa mudança significou a substituição do comércio mais sofisticado pelo popular, a transformação dos canteiros da avenida em um vasto calçadão, que, posteriormente, serviu para a instalação de barracas do comércio informal. A fisionomia peculiar de Goiânia, definida por suas referências urbanísticas iniciais, sofreu rápida alteração espelhando-se em São Paulo que, por sua vez, repetia a congestão de Manhattan.

O Setor Bueno foi o ápice desse processo, iniciado com a transformação da Avenida T-63 em eixo de comércio e serviços a partir do plano de 1979. Suas ruas estreitas e seus lotes com dimensões de 15 x 30 metros, pensados para a ocupação de habitações unifamiliares, foram radicalmente transformados. Casas modestas foram demolidas para dar lugar a edifícios habitacionais, com sacadas revestidas de pastilha ou granito. Nesses novos edifícios não faltavam suítes, *closets* e as áreas de lazer, com as populares churrasqueiras e as piscinas que nunca recebiam o sol. Nos anúncios de vendas de apartamentos, destacavam-se o número de garagens, a portaria mobiliada e os salões de festas quase nunca utilizados.



Se a elite se deslocou em direção às regiões sul, sudoeste e oeste da cidade, os bairros mais pobres localizaram-se na região noroeste e nos limites do município com Aparecida. A grande maioria desses bairros surgiu nos anos 80, até mesmo por iniciativa do Estado, como foi a criação da Vila Mutirão e do Jardim Curitiba, entre outros (VAZ, 2002). Campinas, outrora um município independente que antecedeu Goiânia e serviu de apoio para sua construção, é atualmente uma espécie de grande *shopping* aberto, uma filial da Rua 25 de Março de São Paulo – tudo parece estar à venda e de tudo se pode comprar.

Nas últimas duas décadas do século XX, a capital de Goiás viu seus órgãos e institutos de planejamento perderem força e serem extintos. A cidade, mais do que nunca, está submetida à ação dos empreendedores, o que pode ser constatado na proliferação dos condomínios horizontais fechados que forçam sua extensão horizontal. Essa urbanização apropria-se apenas dos aspectos formais e dos argumentos em favor da qualidade de vida e do meio ambiente, próprios do movimento do Novo Urbanismo, nascido nos Estados Unidos como contraponto ao modelo de ocupação territorial do *Sprawl*. Inspirado em unidades de vizinhança autônomas, as comunidades do Novo Urbanismo deveriam ser capazes de oferecer o necessário para a vida cotidiana: moradia, trabalho, lazer, escolas. Todavia, a apropriação dos princípios do movimento feita pelos empreendedores, goianos ou não, atua em direção diametralmente oposta à propalada pelos seus adeptos, isto é, constituir alternativa à cidade espraiada. Em Goiânia, os condomínios horizontais fechados induziram o crescimento da cidade em duas direções: sudoeste e sudeste. As fotografias feitas por satélite evidenciam os grandes vazios que separam essas urbanizações da cidade.

A capital de Goiás chega ao século XXI com aproximadamente 400 bairros, distribuídos em área de 277,05 km<sup>2</sup>. A distância que hoje ela mantém da descrição feita por Claude Lévi-Strauss é surpreendente. A terra desolada dos anos 30 sobrevive apenas nos registros fotográficos ou escritos de quem a conheceu. Mesmo que, em termos históricos, Goiânia tenha uma curta existência, ela saturou rapidamente seus vazios, como que cumprindo o destino de todas as cidades. Perceber suas mudanças não é tarefa difícil para quem ultrapassou a idade dos 40 anos. Todavia, aos mais jovens é necessário o exercício da imaginação para pensá-la como uma “casamata” nos limites do sertão. Apesar do louvável esforço de muitos pesquisadores que se dedicaram a explicar e identificar sua brusca transformação, falta à cidade um estudo que revele um outro lado de sua história e privilegie o que é miúdo e cotidiano. Nesse âmbito, a história de seus bairros oferece uma oportunidade promissora.

À primeira vista, a dificuldade mais evidente em construir a história de uma cidade grande, da perspectiva de seus bairros, é a enormidade do trabalho. Portanto, a primeira pergunta que se impõe diz respeito à possibilidade de escrever a história dos mais de 400 bairros da capital de Goiás.

Para melhor avaliar as implicações de tamanho desafio, crê-se necessário recuperar o que Mayol (1996) ponderou sobre os estudos de bairros. Para esse autor, o método empregado para o estudo de um bairro de Lyon foi uma construção intermediária entre os estudos de caráter exclusivamente sociológico e a análise socioetnográfica da vida cotidiana. Essas duas formas de abordagem são antagônicas: a primeira privilegia os dados quantitativos, relativos à arquitetura e ao espaço, incluindo fluxos, superfícies, entre outros aspectos; a segunda abarca as pesquisas qualitativas como, por exemplo, a dos folcloristas e da cultura popular. Para evitar a estreiteza que as duas naturezas de pesquisa encerram, o autor propõe como solução intermediária a mescla de ambas. Assim, opta por trabalhar a matéria objetiva do bairro, compreendida como as imposições internas e externas, somente na medida em que o define como “terra eleita” para a encaenação da vida cotidiana. Observa, então, que o objeto da pesquisa está centrado no reco-



nhecimento e entendimento das relações que se estabelecem entre um espaço privado e um público.

Assim, uma história de bairro apresenta uma grande variação de nuances. Se, por um lado, pode-se construí-la com base na evolução de sua forma física, por outro, como exemplifica Pierre Mayol em *A invenção do cotidiano*, essa materialidade só se completa pela visualização de sua textura social. Os exemplos de estratégias que possibilitaram uma incursão aprofundada na história de bairros são elucidativos e colaboram para se pensar um estudo sobre Goiânia. Gilberto Velho, ao estudar o Rio de Janeiro, recortou sua pesquisa no bairro de Copacabana com base no estudo de um único edifício, estabelecendo suas relações internas e externas. Mayol, por sua vez, para compreender o bairro de Croix-Rousse em Lyon, partiu da reconstituição da história de uma só família. Os pais operários, os filhos com outras profissões, a mudança sofrida pelo bairro decorrente de sua atividade fabril, a rua em que o apartamento da família se localizava, o mercado frequentado, o bar dos homens, o verdureiro e seu sistema de informações constituíram o foco de interesse do pesquisador e lhe possibilitaram reconhecer o acordo de bem-viver, denominado de “conveniência”, estabelecido entre os moradores do bairro. Assim, um registro dessa natureza tem o intuito de compreender, na medida do possível, os percursos dos homens que construíram esse lugar, identificando seu conjunto arquitetônico e urbanístico e suas práticas culturais. O estudo da materialidade de um bairro, agregada ao imaginário que sustenta sua memória, permite, entre outras coisas, a percepção da identidade urbana, uma questão inquietante para as cidades projetadas.

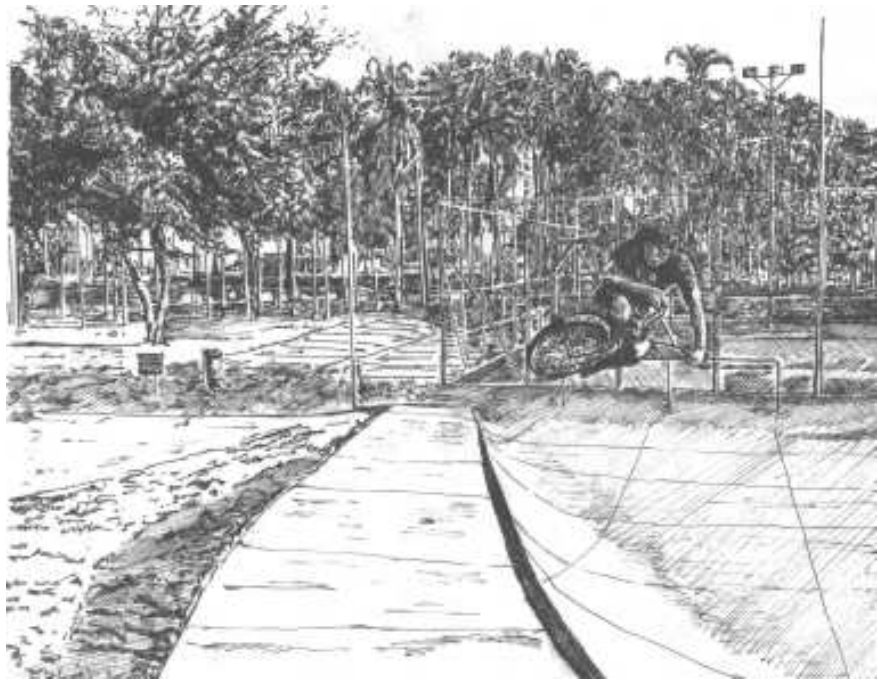


Figura 01: Cenas do Quotidiano (Forma de registro realizado nos bairros de Goiânia). Desenho: Nilo Martins de Santana.

## Primeiros resultados: um bairro de um dono

A primeira impressão que se tem ao perambular pelo Jardim Goiás é que se está em uma cidade de difícil identificação. As grandes superfícies de abastecimento, Carrefour, Wal Mart, as concessionárias de veículos importados e a presença de um grande *shopping* são objetos impregnantes nesta paisagem para a qual se poderia empregar, apropriadamente, a expressão cunhada por Munõz - “urbanal” (2008). O professor da Universidad

Autônoma de Barcelona refere-se a essas paisagens como insípidas, associando-as aos chicletes sem açúcar e às superfícies polidas, onde tudo é extroversão:

*Las ciudades siempre han constituído un espacio claramente diferenciado en el territorio y han mantenido rasgos y paisajes comunes que hacen que sepamos que estamos en la ciudad. Por eso todas las ciudades medievales aparecen ante nuestros ojos como similares y lo mismo ocurre con los restos del pasado industrial que hoy conservamos en ellas. Sin embargo, durante las últimas décadas, las ciudades se han ido orientando de forma muy clara hacia el consumo y las actividades relacionadas con el ocio, la cultura o el turismo global, mientras que sus periferias han sido carne de la dispersión de poblaciones, actividades y residencias. Si nos fijamos en el paisaje urbano, vemos cómo ciudades distintas - con historia e cultura diversas, de población y extensión nada comparables, y localizadas en lugares muy diferentes del planeta - , experimentan transformaciones muy similares y acaban produciendo un tipo de paisaje estandarizado y común. (MUÑOZ, 2008, p. 11).*

Todavia, o Jardim Goiás não foi sempre assim. O bairro foi criado em 1950 por iniciativa de Lourival Louza, proprietário de uma fazenda cujas terras foram em parte loteadas. Essa fazenda, adquirida com capital acumulado em garimpos de ouro, segundo as informações de Délio Moreira de Araújo,<sup>2</sup> foi seccionada pela rodovia. A parte mais próxima à cidade foi, portanto, a porção destinada a um novo parcelamento, para o qual Louza buscou os serviços técnicos em São Paulo. No memorial do projeto urbanístico, encontrado na Secretaria Municipal de Planejamento de Goiânia (SEPLAN), a autoria do projeto é assinada pelo engenheiro-arquiteto Roberto Magno Ribeiro, que atribui as origens de sua proposta ao anteprojeto elaborado por Prestes Maia para o mesmo local.

*Tendo em vista as possibilidades naturais do terreno e sua localização com relação ao Plano Geral da Cidade de Goiânia, foi o projeto, em suas linhas gerais, elaborado com base no anteprojeto traçado pelo eminente engenheiro e urbanista Francisco Prestes Maia. As diretrizes seguidas no projeto definitivo obedecem, em todos os seus detalhes, às mais modernas normas de urbanismo, não só tirando da topografia o melhor partido, como também apresentando um traçado racional para os arruamentos e espaços livres, proporcionando ainda a cada lote a melhor situação e o maior conforto dentro das especificações do Código de Obras da Cidade de Goiânia. O bairro projetado é do tipo "cidade-jardim" que melhor preenche as condições de higiene e conforto, além de constituir o tipo ideal de bairro residencial, conforme mostram as experiências levadas a efeito nas mais progressivas cidades do país e mesmo do exterior. Dentro do plano geral de urbanização foram previstas áreas para a localização adequada de estabelecimentos escolares, centro de saúde, parque infantil, igrejas, centro esportivo e recreativo, etc. Estas áreas, que na planta se mostram ajardinadas, ficarão reservadas e de posse do proprietário do "Jardim Goiás", que fará delas oportuna doação ou concessão a entidades públicas ou particulares, para os fins indicados no projeto, ou outro mais apropriado, desde que não sejam para fins industriais ou outro qualquer que venha prejudicar o caráter essencialmente residencial do bairro projetado. (Grifo nosso). Núcleos comerciais ou comerciais-residenciais poderão ser localizados em algumas destas áreas, notadamente nos Jardins 4, 9 e 16, assim como nos parques adjacentes à Praça B, sem prejuízo para os espaços livres, cuja área total atinge porcentagem bastante elevada (RIBEIRO, 1950).*

Observa-se, no trecho destacado, as correlações com o imaginário progressista ainda reconhecível em meados do século XX e que vincula o loteamento à experiência do Setor Sul e dos bairros paulistanos, os últimos projetados por Barry Parker e Raymond



Unwin. A questão da higiene, as referências às cidades-jardim e o fato de o próprio autor do projeto ser um engenheiro-arquiteto são emblemáticos desse imaginário que remetem aos importantes estudos realizados por Maria Stella Bresciani (1985, 1986, 1992, 2002).

Ressalta-se uma curiosa reserva assegurada ao empreendedor do Jardim Goiás, trata-se do domínio das áreas verdes e de seus destinos, sempre sob a tutela desse surpreendente personagem. As referidas reservas atribuíam a Lourival Louza um poder de negociação com as instâncias públicas, muito antes que qualquer idéia sobre o empreendimento urbano ou sobre as propaladas parcerias público-privadas pudessem sequer ser pensadas. Poderes de adivinho? Premonição?

Até a década de 1970, a ocupação do Jardim Goiás era tímida, com a presença majoritária de ocupações irregulares às margens do córrego Botafogo. Formaram-se as invasões do Areião e da Vila Lobó. Esses moradores procediam de diversos lugares, alguns haviam sido transferidos da invasão do Jardim Botânico com a promessa de que seriam proprietários dos terrenos que compunham parte das áreas institucionais do Jardim Goiás, contudo, convém ressaltar, nunca obtiveram a propriedade legal desses lotes. Deste passado mais remoto, recordam-se do drama de transferência para a nova moradia, dos enfretamentos com a polícia e das dificuldades vividas em dias de fortes chuvas nas residências precárias. Na memória dos mais velhos esse fato é o mais mencionado, dando a impressão de que, de alguma forma, ainda vivem na invasão do Jardim Botânico. Há ainda as pequenas tragédias que a todos marcaram de forma semelhante, como o caso da criança que se afogou na piscina do clube do bairro, o Automóvel Clube, ou da paisagem do cerrado, do córrego limpo e das pontes improvisadas com troncos de madeiras, sobre as quais crianças se equilibravam num perigoso jogo de travessias. Há ainda a história de Sete Dedos, um homem que sabia bem cultivar belas hortaliças, mas que personifica o tabu do incesto. Nos depoimentos discretamente revelados, Sete Dedos teve um filho com a filha - verdade ou não - o fim da história é o de sua morte por suicídio.

Ainda durante esse período, as invasões expandiram-se com a chegada de trabalhadores para a construção do estádio Serra Dourada, uma das maiores parcerias estabelecidas entre o Sr. Louza e o Estado. A gleba de terra, em sua grande parte, foi doada pelo primeiro para a construção de um monumental estádio de futebol que pudesse dar visibilidade a Goiás. Na época, o governador era Leonino Di Ramos Caiado, também o responsável pela construção do Autódromo Internacional de Goiânia, mais uma área doada por Louza, fora dos limites do Jardim Goiás, mas em suas adjacências. No início, esse equipamento foi celebrado como o cartão de visitas da cidade e, posteriormente, com a crise dos combustíveis, difamado como seu elefante branco - estranha mudança de escala.

Outra curiosa parceria estabelecida entre os protagonistas oficiais do Jardim Goiás ensejou a criação de uma escola peculiar, destinada a formar a burocracia goiana - denominava-se Escola de Líderes, nome pelo qual foi inicialmente conhecido o Centro Educacional Hugo de Carvalho Ramos. O propósito desta escola era:

*[...] promover a melhoria do ensino e com ele dar oportunidade aos alunos que se destacarem por sua inteligência. (Grifo nosso). (JORNAL O POPULAR, 1980).*

*A idéia da construção, em Goiás, de um colégio voltado exclusivamente para a formação de lideranças, defendida por Ary Valadão durante a campanha eleitoral e, posteriormente, incluía como obra prioritária no seu Plano de Governo, conta a partir de agora com um importante apoio na área federal. [...]*

*O Governador conseguiu sensibilizar Eduardo Portella, obtendo dele a liberação de uma verba de 35 milhões de cruzeiros para a construção do colégio. Ary Valadão entende que*



*Goiás precisa, urgentemente, formar elites de lideranças, atuantes, aptas e capazes de ocupar funções de destaque no cenário nacional, projetando uma nova imagem do Estado.* (JORNAL O POPULAR, 1979).

A escola de Líderes era mais um elo na articulação que se tecia em torno do próprio Jardim Goiás, lugar de uma renovada modernidade, embalada pelo ritmo do Brasil Grande e expressa na construção dos grandes equipamentos esportivos e na preparação de uma elite capaz de romper com antigas estruturas agrárias, mas nos moldes de Visconti em O Leopardo.

Apesar dos arranjos acordados entre o proprietário do bairro e o poder público, o Jardim Goiás permanecia pouco habitado. A comercialização de seus lotes só foi acelerada quando o Sr. Louza construiu e inaugurou o primeiro *shopping* da capital de Goiás. Mais uma vez, demonstrava sua excepcional sagacidade: o *shopping* valorizou a região e obras viárias e transporte público foram garantidos, facilitando a conexão com o centro da cidade. Comprar em um estabelecimento climatizado, experimentar as escadas rolantes (ainda raras) e o elevador panorâmico eram confortos e atrações não oferecidos pelas lojas do centro da cidade, cada vez menos frequentadas.

Durante seus quase 30 anos de existência, o *shopping* sofreu sucessivas ampliações, como as que caracterizam os espaços definidos por Koolhaas (2000) como *Junkspace* – os espaços de consumo em constante alteração, os coágulos da modernidade. Com ele, apareceram seus correlatos: hipermercados, redes de *fast food*, hotéis de rede e concessionárias de veículos importados. Esses serviços e comércios, reforçados pelo Plano Diretor de 1992 que promovia o adensamento da região, impulsionaram o adensamento residencial do Jardim Goiás. Primeiramente, apareceram os edifícios baixos seguidos de outros construídos em altura, mas com programas modestos, em geral apartamentos de dois quartos. As casas unifamiliares de classe média surgiam salpicadas aqui e acolá nas proximidades do Setor Universitário.

A construção do parque Flamboyant no lugar do antigo clube do bairro reafirmou as relações entre a empresa Jardim Goiás Empreendimentos (a descendência de Lourival Louza) e o poder público. Este parque, com seu surpreendente jardim japonês, embora a mais significativa imigração para Goiânia tenha sido a de origem árabe, foi construído às expensas dessa empresa que, por sua vez, era a proprietária da maioria dos terrenos localizados no seu perímetro. A contrapartida obtida foi a alteração do gabarito desses terrenos, possibilitando a construção de edifícios de mais de 20 andares. São apartamentos anunciados em encartes luxuosos que “civilizam” a elite goiana com seus espaços *gourmet*, *spas* e salas *fitness*, entre outras veleidades.

O Jardim Goiás não pode ser tratado sem a menção aos condomínios horizontais fechados construídos em suas imediações. Mesmo separados do bairro pela Br-153, e dele não fazendo parte, são sua extensão. Resultam da popularização e adaptação desta forma de morar americana, inspirada nos códigos do *New Urbanism*. Vale esclarecer que entre os vários condomínios, quase todos com o nome de *Jardim*, associado a cidades européias – Jardim Atenas, Jardim Paris, entre outros, destacam-se os mais ambiciosos: o AlphaVille Ipê, Araguaia e Goiás, os três são uma parceria entre os Empreendimentos Louza e o Alphaville Urbanismo.

Essa nomenclatura é admirável, os Jardins Atenas e Paris foram realizados pela empresa local FGR, que utilizou denominações que evocam cidades além-mar. Em contrapartida, a associação entre Louza e Alphaville recorre a outra ordem de imagem, a dos aspectos locais.

Observa-se, portanto, que o Bairro Jardim Goiás, em seus 50 anos de existência, só se configurou como tal a partir das relações inconspícuas entre o poder público e o privado, reafirmando ainda uma mentalidade patrimonialista.





## Notas

- <sup>1</sup> A citação de Lévi-Strauss foi primeiramente reconhecida por Márcia Metran de Mello em sua dissertação de mestrado, defendida na FAU-USP, em 1996.
- <sup>2</sup> Délio Moreira de Araújo, Economista Ph.D., pesquisador sênior do Centro de Pesquisas Econômicas (CEPE) da Universidade Católica de Goiás.

## Referências

- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, 1985.
- \_\_\_\_\_. Século XIX: a elaboração de um mito literário. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, ANPUH, ano 7, n.13, p. 209-243, dez.1986.
- \_\_\_\_\_. Ruptura e permanência no estudo das cidades. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de F. (Orgs.). *Cidade & História*. Salvador: FAU-UFBA; ANPUR, 1992. p.11-26.
- \_\_\_\_\_. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. p. 16-35.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional/Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.
- JORNAL O POPULAR. Governo Ari Valadão : obras. *Jornal O Popular*, Goiânia, 25 out. 1979.
- \_\_\_\_\_. Policentro educacional, meta avançada do ensino em Goiás. *Jornal O Popular*, Goiânia, 4 set. 1980.
- KOOLHAAS, Rem et al. *Mutations*. Bordeaux : Actar, 2000.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lucia E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.p.35-185.
- MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.
- MUÑOZ, Francesc. *Urbanización: Paisajes comunes, lugares globales*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Goiânia: Ed. UCG, 2004.
- RIBEIRO, Roberto Magno. *Memorial Descritivo e Justificativo do Projeto de Urbanização do Jardim Goiaz*. Junho de 1950. (Mimeo).
- ROSA, Alda Maria Araújo Torreal. *Jardim Goiás: Uma nova centralidade em Goiânia*. 123 p. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia, 2008.
- VAZ, Maria Diva Araujo Coelho. *Transformação do centro de Goiânia: renovação ou reestruturação?* Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

## Participantes da Pesquisa

Arq. Ms. Alda Maria Araújo Torreal Rosa  
*Colaboradora*

Anna Carollina Rodrigues Batista  
Nilo Martins de Santana  
Raíssa Gabriel Sara  
Vanessa Ramos P. Lima  
*Iniciação Científica*

\* Arquiteta, Professora Adjunta I da Universidade Católica de Goiás, Mestre em História pela UFG, Doutora em História pela Unicamp. E-mail: amvoliveira@uol.com.br

\*\* Arquiteta, Professora Adjunta I da Universidade Católica de Goiás, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP. E-mail: elanerib@hotmail.com

